

JOSEF PIEPER E O HUMANISMO CRISTÃO.¹

Abelardo Lobato, OP – Pontifícia Academia de Santo Tomás de Aquino.

Resumo: Abelardo Lobato, dominicano, faz uma homenagem ao filósofo Josef Pieper, apresentando alguns aspectos de sua vida e pensamento, e fazendo relações com a doutrina de Tomás de Aquino, adotada por Pieper.

Palavras-chaves: Josef Pieper, Humanismo cristão, Tomás de Aquino.

Abstract: Abelardo Lobato, dominican friar, makes a tribute to philosopher Josef Pieper, presenting some aspects of his life and thought, and connecting with the doctrine of Thomas Aquinas, adopted by Pieper.

Keywords: Josef Pieper, Christian Humanism, Thomas Aquinas.

Josef Pieper chegou ao fim de sua fecunda existência há pouco tempo, em 6 de novembro de 1997, em Münster, Westfalia. Deixou após si um longo rastro de admiração, de reconhecimento, tanto de sua pessoa quanto de sua ingente produção literária. A homenagem que lhe tributaram seus discípulos no ano de 1994, ao cruzar o umbral de 90 anos, foi eloquente. Mais de 600 intelectuais de todos os continentes se reuniram em Münster para venerar um mestre. Admiraram-lhe sobretudo os jovens que percebem a miséria da cultura presente e a urgência de dar respostas aos desafios que apresenta o terceiro milênio.

Pieper é um exemplo de pensador cristão. Está por muito acima da sedução do presente que tantos arrasta. Ele se apoia na tradição já consolidada do passado, mas não para repeti-la, senão para dar um salto adiante. Sua forte personalidade deixa um impacto positivo que as gerações de jovens estudiosos sabem apreciar. João Paulo II uniu-se a esse homenagem dos estudiosos por meio de uma carta de felicitações pela lição de vida e de pensamento que nos deu. O Papa elogia-o porque soube inserir seu pensamento na rica tradição do pensar cristão e teve em conta o grande mestre Tomás de Aquino. “Pôs os jovens em contato com o rico patrimônio da filosofia cristã. O pensar de seu

¹ Este artigo foi originalmente publicado no número 20 da Revista *Humanitas*, da Pontifícia Universidad Católica del Chile, com o título “Josef Pieper e el Humanismo Tomista”, <<http://humanitas.cl/html/biblioteca/articulos/d0126.html>>. Tradução do espanhol por Flávio Lemos Alencar. Revisão da tradução por Daniel Nunes Pêcego. O tradutor quer deixar registrada sua dupla homenagem ao dominicano Abelardo Lobato, falecido no dia 17 de maio deste ano de 2012, e ao “leitor de Tomás” Josef Pieper, cujo 15º aniversário de falecimento se completa no próximo dia 9 de novembro de 2012.

próprio mestre Santo Tomás de Aquino, de cuja obra polifacetada soube, como nenhum outro, extrair tantos ensinamentos de uma maneira pouco comum, chegou a ser para as gerações mais jovens um instrumento, que, com base na imagem cristã do homem, é apto para penetrar na realidade do tempo e da eternidade. Dessa maneira, comunicou-lhes uma sólida base existencial. E orientou todo seu esforço filosófico unicamente a serviço da verdade, que se encontra em Jesus Cristo”².

O discípulo de Tomás tem clara esta conexão entre o pensar e o ser, entre o entender e a verdade. Tem sem dúvida interesse em saber o que os homens pensaram, mas em boa parte isso não aperfeiçoa nosso entendimento. Só a verdade do que pensaram tem o dom de contribuir para nossa perfeição. Só a verdade tem uma força invencível. O mestre é o que leva a verdade. Nesta homenagem a um ilustre pensador que elegeu a escola de Tomás, limito-me a evocar sua lição de humanismo, em três instâncias: como ler hoje Tomás de Aquino; como, por meio de seu exemplo, ser em verdade um pensador cristão; como forjar o humanismo do terceiro milênio a partir do cultivo das virtudes.

ACOLHER HOJE TOMÁS DE AQUINO

Pieper sente-se à vontade com Tomás, mas não tanto com a escola, com os tomistas. É daqueles que dão graças a Deus por ter-lhe libertado do perigo de estudar essas obras indigestas que se dizem escritas “*ad mentem D. Thomae*”. Enfrenta-se com tudo que se trate de transmitir uma doutrina à base desses livros que se chamam “*manualia*”. Coincide com Unamuno, que pedia o desterro de tais livros, aos quais em vez de “*manualia*” haveria que chamar “*pedalia*”. Tomás sim, mas “tomistas” não. Pieper observa que o grande mestre Tomás de Aquino teve mestres geniais, mas só teve discípulos medíocres ou imbecis, que não estiveram à sua altura. Por isso há que ir diretamente a Tomás e deixar os intermediários, os quais se ocupam de fazê-lo digerível para estômagos delicados.

Ao longo de sua vida, Pieper ocupou-se de Tomás e tratou de desvelar sua humanidade. Irrita-lhe que se trate de encerrar Tomás em um sistema acabado, onde tudo já está de antemão definido. Tomás deixou sua obra inconclusa, porque conhecia a fundo os limites do humano entendimento e estava certo do muito que estava além de suas fronteiras. O discípulo de Tomás é o que se comporta como o mestre frente à realidade das coisas e na entrega sem condições à verdade.

² Carta publicada na Revista *Gladius*, 41, (1998), p. 169.

O interesse de Pieper por Tomás de Aquino levou-lhe reiteradas vezes a mergulhar na obra aquiniana. Tratava de viver em sintonia com esse estilo de pensar. E para conhecê-lo a fundo dedicou-lhe muitos ensaios. O mais extenso dos que se ocupam de sua vida é o estudo biográfico *Tomás de Aquino: vida e obras*³. Através dos diversos capítulos dessa obra, emerge o perfil que Pieper tinha do mestre Tomás.

Pieper considera que, para compreender Tomás, é necessário situá-lo em seu tempo, no meio da grande aventura do século XIII. Longe de ser um século tranquilo, é muito agitado. O islamismo cerca a Cristandade, as heresias dividem os cristãos, o Papa e o Imperador se enfrentam, edificam-se as maravilhas das catedrais, nasce a universidade, o pensamento grego penetra nas escolas cristãs da universidade, o Evangelho proclama-se na China. Nem tudo é ouro e progresso. No povo cristão, há pastores muito indolentes. A crítica dos superiores fez-se já usual. Conta a *Legenda* que o diabo em pessoa apareceu a Tomás de Cantimpré, um frade dominicano, companheiro de estudos de Tomás em Colônia, convidado para pregar no Sínodo dos bispos, e deixa-lhe a seguinte mensagem diabólica: “Dizei-lhes somente isto: os príncipes das trevas infernais saúdam os príncipes da Igreja e lhes agradecem alegremente por conduzir seus fiéis até nós, porque por sua negligência quase todo o mundo está em poder das trevas”⁴. A ordem dominicana não se pode compreender sem sua pré-história herética. Domingos dá origem à Ordem em meio das disputas contra os hereges, dos quais toma muitas de suas armas, o amor à pobreza, o estilo de evangelizar, a difusão da palavra. Ajuda-lhe nisso o bispo Fulco, um trovador, como Raimundo Lúlio, que um dia, junto com sua mulher e seus filhos, pede para entrar na ordem cisterciense, e, chegando mais tarde a abade e bispo de Toulouse, apoia a ideia de Domingos de vencer os hereges com suas próprias armas.

Tomás pertence totalmente a esse mundo por via da família, pela experiência de Montecassino, pelo encontro com os mendicantes em Nápoles, por sua plena imersão na vida universitária. Para Pieper, no meio desse mundo agitado, Tomás não escolhe uma parte, abraça a totalidade, esforça-se pela união dos contrários no mesmo sujeito: família e vocação, papado e império, mendicante e culto, Nápoles, Colônia e Paris, filosofia e teologia, Agostinho e Aristóteles. Pieper pensa que Tomás encontrou em Paris o meio natural para sua obra. Em Paris, cultivam-se os dois saberes de alcance universal, a

³ PIEPER, J. *Thomas von Aquin. Leben und Werke*. München, 1958. Há tradução espanhola, da Editorial Rialp, 1979, com o título: *Introducción a Tomás de Aquino*.

⁴ FRACHET, G. *Legenda Fratrum OP*, 21.3

filosofia e a teologia. Esse é seu estilo. Através de sua vida, Tomás optará sempre por uma visão da totalidade, pela harmonia dos contrários: Aristóteles e Plotino, Dionísio e Averróis, Guilherme de Saint Amour e Boaventura. E, nessa opção pela totalidade, se lhe dá o acesso às três sabedorias, nas quais deixa sua marca, a filosófica que herda de Aristóteles, a teológica que vem dos Padres e dos mestres, e a mística que é o dom de experimentar as coisas divinas com a penetração na Palavra revelada.

Tomás se vê a si mesmo como um dos operários que trabalha pelo encontro com a verdade, empurrado por uma só paixão, a de conhecer a realidade, alcançar a compreensão do ser, conhecer um pouco mais. Durante toda sua vida será o mesmo sujeito agitado a fundo por uma grande paixão, pela verdade, e por um mistério infinito, o de Deus. Revela-o a pergunta que fazia aos monges de Montecassino, quando era um menino brilhante: Por favor, dizei-me, quem é Deus? *Dic mihi, quid est Deus?*

Este grande homem teve uma vida breve e agitada. Não lhe deixam em paz mais de três anos no mesmo lugar. Sua obra é o espelho dos esforços anteriores e a consolidação de seus fundamentos. Tomás é o ideal de quantos buscam a verdade e sabem que são apenas operários na vinha. Quando, em 18 de julho de 1323, o papa João XXII o canoniza, eleva aos altares pela primeira vez um homem honrado pelo simples milagre de sê-lo. As testemunhas não têm dele outras provas que as de um homem fiel a seu trabalho de professor de teologia, que prega, disputa e lê a Escritura. Não fez milagres em vida, mas escreveu infinitos artigos, dos quais cada um é um milagre para o bem da humanidade. É o Doutor da Cristandade, o mestre da inteligência. Nunca disse ninguém tantas coisas em tão poucas palavras.

O perfil que Pieper traça de Tomás é singular e se diferencia de todos os demais pensadores em sua abertura à totalidade, sua paixão pela verdade, sua confiança na inteligência como base e fundamento da cultura, sua capacidade de diálogo com todos os que buscam a verdade, seus dotes para comunicá-la. Nada tão proveitoso para a humanidade como a conquista da verdade e a luta contra o erro. Este é um caminho que ninguém percorre totalmente, mas que as gerações estão chamadas a continuar. A paixão pela verdade traduz-se numa busca incessante, apoiada no que já é patrimônio da humanidade e numa tarefa de comunicação para os que vêm atrás de nós. Tomás sente-se chamado a transmitir a verdade que recebeu. Até treze vezes cita estas palavras de Salomão e apropria-se delas: “O que recebi sem ficção,

comunico sem inveja: *Quam (Sapientiam) sine fictione didici, sine invidia communico*⁵.

Tal é o Tomás histórico, o qual é preciso conhecer e assimilar. Pieper admira em Tomás a nobreza do espírito e a força de seu magistério. O núcleo de sua obra, o espírito que a alma não se pode perceber senão no diálogo permanente com sua obra escrita. Mas Tomás nunca poderá separar-se de sua obra, expressar-se em uma síntese fechada, refletir-se na obra de um de seus discípulos. Pieper convida a ir a Tomás, e a deixar de lado todos os intentos de servi-lo em pílulas. Nosso tempo tem necessidade de mestres de vida e de pensamento. Acolher hoje Tomás não é repetir em teses abstratas o que ele disse, mas seguir seu exemplo penetrando no coração dos problemas do homem atual. Para Pieper, Tomás é mestre de valor perene e de tal categoria que não se lhe faz honra ao acolhê-lo em nosso estilo de pensar, porque Tomás não necessita de nossos louvores, nem os agradece, mas somos nós, os operários de um tempo indigente, que necessitamos dele, porque remedia nossa pobreza cultural e ao acolhê-lo nos enriquecemos.

Tudo indica que Pieper gosta de contar-se entre os discípulos diretos de Tomás, não entre os tomistas. Uma coisa não pode suportar Pieper, nem sequer de longe, e que de algum modo refere-se a Tomás, por ser dominicano e pensador de seu tempo, “essa coisa terrível que se chama inquisição”. Tomás a conhecia. E interroga-se se o herege deve ser tolerado, suportado, e responde que não. Como a sociedade não pode suportar o falsificador de moedas, tampouco pode suportar o herege que falsifica a fé. Se ninguém pode ser obrigado a professar a fé, uma vez que a abraçou pode ser obrigado a que seja fiel ao que professa⁶.

Pieper não pode esquecer que a missão do sábio é buscar a verdade e, uma vez encontrada, abraçá-la, mas para Tomás é também missão do sábio denunciar o erro e extirpá-lo, porque é um mal da inteligência e, por isso, do homem. Pieper sente-se mais afim a ser designado como discípulo de Tomás, mas apenas ao estilo dos que autodenominam “tomasianos”, e até fazem um dilema: Tomás sim, tomismo não. Não parece fácil passar das meras palavras às realidades designadas. Porque Tomás é o primeiro a sentir-se incômodo com essa linguagem. Passou toda a vida buscando seu saber, tratando de que a verdade crescesse e ele diminuísse sob o resplendor de sua luz. O perfil autêntico de Tomás é o de quem assume com todas as suas conseqüências a

⁵ *Sb* 7, 13. Cf. DI MAIO, A. *Il concetto di comunicazione*. Roma, PUG, 1998, p. 314.

⁶ *S.Th.* II-II, q. 11, a. 3: “*multo magis haeretici, statim ex quo de haeresi convincuntur, possunt non solum excommunicari, sed et iuste occidi*”.

profissão de mestre da verdade revelada. Pieper sabe-o e admira o modo como Tomás realizou-o através de sua existência. Esse modelo de sábio tem vigência em todos os tempos e por isso Tomás será sempre modelar, mestre exemplar.

TOMÁS, O MODELO DO PENSADOR CRISTÃO

Tomás de Aquino levou muito a sério a condição “racional” do homem, já que é sua nota distintiva, de cujo exercício depende sua plena realização. Ser homem é ser racional e comportar-se como tal. Esta condição situa-o em um nível intermediário, em uma fronteira difícil de definir com precisão. Acima de sua condição há que situar todo um mundo de espíritos cuja condição é ser “inteligências”, cujo modo de conhecer é a intuição. Abaixo do homem, Deus colocou o mundo dos seres cognoscentes confinados na sensibilidade. Tais são os animais, diversificados em incontáveis espécies. É a alma humana a que estabelece esta fronteira, *anima quasi horizon et confinium*⁷. Por essa condição, o ser humano é habitante de dois mundos. Às vezes ascende aos princípios e goza dessa luz como se fosse um certo espírito – *paulo minus ab angelis!* –, às vezes desce às profundezas do instinto que brota com força de suas próprias raízes e o arrasta – *trahit sua quemque voluptas!* O tipicamente humano é a razão, o ser racional, o viver conforme à razão, a qual procede gradualmente, como passo a passo, e busca seu refúgio “à sombra da inteligência”⁸.

Pieper captou muito bem esta posição de Tomás de Aquino e sua audaz defesa da razão humana para desvelar a verdade, e para comportar-se como homem. Tomás nunca pensou em ser filósofo, cujo ofício em seu tempo era atribuído aos pensadores pagãos, mas já em vida não pôde evitar ser tido por tal, e com o passar do tempo a posteridade reconhece-o como o criador da primeira filosofia cristã, e conta-o entre os grandes pensadores da humanidade, *unus de magnis*, como dizia ele de Plotino⁹. Ao mesmo tempo que Tomás reivindica o posto que compete à razão na vida humana, aponta seus limites. A razão não só abre-se à inteligência, como se dispõe para acolher a revelação que vem de Deus para o homem e só pode ser acolhida pela fé. Boa

⁷ Cf. LOBATO, A. *Anima quasi horizon et confinium*, in AA.VV. “L'anima nell'antropologia di S. Tommaso d'Aquino”. Milão: Massimo, 1987 [*Studia PUST*, n. 28].

⁸ Tal é a bela definição neoplatônica, lembrada pelo *Liber de causis, Prop. 15*: “*Ratio oritur in umbra intelligentiae*”.

⁹ *SCG.*, III, 48.

parte da obra de Tomás concentra-se em ser um diálogo entre a razão humana e a fé que se apoia na palavra revelada.

O tema das relações entre a razão e a fé traspassa toda a obra de Tomás. A razão atua não só no campo das verdades que estão a seu alcance, mas também no interno do ato de acolhida e compreensão, em certa medida, das verdades que a excedem. A *Summa contra Gentiles* é uma das obras primas do diálogo entre a razão e a fé. Não se encontra nada semelhante antes desta obra, com esse rigor e essa profundidade, e depois não podemos afirmar que tenha sido superada. A obra de Pieper é uma continuação desta acolhida da razão no diálogo com a fé. O tema foi uma das grandes questões disputadas nos anos 30. Punha-se em tela de juízo a expressão “filosofia cristã”, e nela se afrontavam as possíveis relações entre a filosofia e a fé cristã, entre a razão que demonstra e a fé que acolhe. Os pareceres eram muito discordantes. A maior parte dos filósofos em voga, especialmente os herdeiros da tradição iluminista, opinava que eram incompatíveis: a razão demonstra as verdades, a fé as acolhe cegamente. A filosofia exige rigor na demonstração, a fé confia e aceita.

Tomás recebeu uma pista do judeu Maimônides, em sua condição de teólogo, na obra *Dux perplexorum*, que conheceu quando ainda era um estudante em Nápoles. A razão humana é capaz da verdade, mas as verdades definitivas, últimas, são difíceis e superam a capacidade da maior parte. Por isso, Deus quis vir em sua ajuda e as propôs para todos, com o mínimo esforço e com a máxima certeza. A fé vem em ajuda da razão e do homem em caminho em direção à verdade, sobretudo em direção a Deus. Averróis havia seguido a mesma senda de aproximação entre razão e fé, pensando que entre ambos caminhos deve haver um acordo porque, em definitiva, a verdade procede de Deus, autor da razão e da revelação. A verdade não pode contradizer a verdade. Tudo isso havia sido glosado por Tomás e havia nutrido o diálogo do pensar cristão com os filósofos.

Entre os filósofos do século XX, Heidegger havia causado grande impacto neste tema, ao defender a irreduzibilidade da razão à fé, e fazer atual o dilema: ou se conhece por demonstração ou se crê. Há que optar pela filosofia ou pela fé. Entre ambas há uma oposição contraditória. Falar de “filosofia cristã” é o mesmo que propor um “ferro de madeira”: *Holzernes Eisen!* O filósofo tem que renunciar a toda acolhida superior e carregar o peso da conquista da verdade. Aceitar a fé é renunciar à filosofia. Ao lado de Heidegger, alinham-se muitos outros pensadores. Pieper, por outro lado, mantém a linha e a posição de Tomás. O crente sabe de antemão a resposta

última, mas isto não o proíbe de poder buscar a inteligibilidade que encerra. A arrogância da razão se erige em tribunal supremo e rechaça qualquer outra verdade que possa parecer superior; ao contrário, a atitude simples de quem compreende o ser finito do homem dispõe-se a deixar-se vencer por quem excede infinitamente o homem.

Não há lugar para “as duas verdades”, como Tomás denuncia nos averroístas, mas sim há uma dupla ordem da verdade; um horizonte ao alcance da razão e outro que a excede infinitamente. E se Deus quis comunicar ao homem algo desse mistério que o caracteriza, o homem faz bem em acolhê-lo. Há portanto duas vias para o acesso à verdade. Uma é a da razão que demonstra, seja ao modo científico, ou ao modo filosófico. E outra é a da fé que se confia a alguém que lhe pode ajudar ao transmitir-lhe verdades últimas. Em polémica com Heidegger, a quem culpa de fechar-se ante a verdade revelada, Pieper lhe recorda que até Sócrates confessava seguir as duas sendas para a verdade, a da razão e a da fé, e nesta encontrava maior certeza: confessa Sócrates que não se envergonha “de reconhecer que as verdades últimas, as que na verdade dão sentido à existência, ele não as reconhece por si mesmo, mas porque alguém a manifestou, ‘por tê-las escutado’, *ex akroës*”¹⁰.

A fé não é um obstáculo para a razão, mas uma nova possibilidade de ampliar seu horizonte. A filosofia só se desdobra na totalidade, no horizonte em que tem cabimento tudo quanto é real, quando se propõe o ser como objeto. Com Cristo se abriram horizontes novos à humanidade; por isso, a filosofia cristã tem seu fundamento e prepara o homem para uma compreensão cabal das coisas, do mundo, do homem e de Deus, à luz dessa nova visão das coisas, que, em vez de excluir os demais aportes, integra-os numa síntese mais alta e profunda. Na verdade, Tomás pensou a partir dessa posição de total abertura à verdade, porque, venha de onde vier, em definitiva procede do Espírito Santo. A filosofia é um caminho para a verdade. O pensador cristão não renuncia à sua inteligência, senão que a põe a serviço da fé, como “obséquio racional”. A filosofia que se elaborou no ocidente a partir da Idade Média, por obra e graça de Tomás de Aquino, leva esse selo da totalidade e da verdade integral sobre o homem como ser pessoal. A filosofia moderna, mesmo a hegeliana, vive das migalhas que caíram da abundante mesa do cristianismo.

¹⁰ PIEPER, J. *Verteidigungsrede für Philosophie*. München, 1966, p. 132.

A VIRTUDE E O HUMANISMO CRISTÃO.

A relação do pensador Josef Pieper com Tomás de Aquino foi decisiva no momento de traçar as linhas básicas de seu humanismo cristão. O homem é um ser racional, que tem em Cristo seu exemplar ideal, e por isso está chamado a configurar-se a ele, mediante a conquista das virtudes morais. Nelas põe-se à prova o uso da razão, e seu papel na vida do homem. Tomás entendeu muito claramente esta trajetória da humanização do homem. Eis aqui um texto chave que reflete bem a intuição que servirá a Pieper para o desenvolvimento de seu pensamento. Tomás de Aquino escreve: “A vida humana é a vida proporcionada ao homem. Contudo, em todo homem dá-se em primeiro lugar a natureza sensível, na qual coincide com os animais; dá-se ademais a razão prática, típica do homem em certa medida, e dá-se também o entendimento especulativo, que não alcança no homem a mesma perfeição que nos anjos, mas apenas na medida da participação que compete à alma. Portanto, a vida contemplativa não é propriamente humana, mas sobre-humana; a vida voluptuosa, que se deixa guiar pelos apetites dos bens sensíveis, não é tampouco humana, mas antes bestial. Por conseguinte, a vida que na realidade é a própria do homem é a vida ativa, que consiste no exercício das virtudes morais”¹¹.

Esta doutrina de Tomás, da coincidência da perfeição humana com o exercício das virtudes morais, está de acordo com sua tese de que os atos humanos coincidem com os atos morais, aqueles dos quais o homem é dono e livremente os exerce¹². A virtude é um hábito, uma segunda natureza, mediante a qual o sujeito adquire a perfeição. A virtude é como a máxima expressão da potência, um hábito operativo bom, que não só faz bom o ato que se exerce, mas que redundando no sujeito e o faz bom. Por esta condição, a virtude se diz antes de tudo das virtudes morais. E nisto se diferenciam e superam as demais virtudes que só fazem boa a obra, e não ao sujeito. O homem bom é o que age conforme à razão na ordem do atuar. Se a vida humana é a que se guia pela razão prática, e esta é a “reta razão” que orienta o nível moral do sujeito, segue-se que para aperfeiçoar o homem é necessário pô-lo em condições de adquirir e exercer as virtudes morais.

Isto que já era conquista grega, e aparece em Aristóteles, é assumido por Tomás e aplicado à vida em todas as suas manifestações, também à vida cristã. Entre os esquecimentos da hora moderna, há que contar-se, além do “esquecimento de Deus” e do “esquecimento da alma”, o esquecimento da

¹¹ *Q.D. De Virtutibus*, 1.

¹² *S.Th.*, I-II, q. 1, a. 3: “*Nam idem sunt actus morales et actus hominis*”.

virtude. Alguns pensadores americanos advertem esta lacuna e dão começo a uma série de estudos e de investigações sobre a virtude moral, como um caminho seguro de humanização. É preciso citar Richard Niebur, iniciador deste retorno à ética da virtude. Seguem-lhe seus discípulos, entre os quais há que se lembrar Gustafson, J. X. Crossin, Erikson, e, de modo já mais próximo a nós, o psicólogo Erikson e A. McIntyre com sua obra *“After Virtue”*, de 1981, e Irish Murdoch, aos quais se agregaram alguns tomistas como Jean Porter e Josef Pieper.

A ética dos deveres cede lugar à ética das virtudes. Estas têm sempre sua importância, ainda que algumas pareçam pequenas. Todas têm uma relação com a prudência, como esta a tem com a “reta razão”. O homem em plenitude, o homem humano, não é tanto o que desenvolve as virtudes intelectuais ou as habilidades artísticas, quanto o que cultiva e conquista as virtudes morais, entre as quais se destaca a prudência. Esta convicção do valor da ética na humanização e perfeição do homem coincide com as teses tomistas. Tomás deu muita importância ao desenvolvimento perfeito do homem. E não se confiou tanto ao desenvolvimento dos preceitos e obrigações quanto à profunda aspiração do homem de conseguir a felicidade e ser arquiteto de si mesmo.

A moral havia sido desterrada dos centros de formação. Aos filósofos da modernidade não lhes parecia matéria de ensino, nem sequer em teoria, esse campo dos usos e costumes culturais, com os quais acreditavam que não se pode chegar a um saber de tipo científico, demonstrável, nem sequer comunicável por meio da escola que se apoia na linguagem, com validade universal. A ética descreve mas não prescreve, pensava Hume. E tanto na modernidade como na pós-modernidade seguiram-lhe por este caminho. De fato, a ética fica como discurso, como teoria, mas não como matéria de escola nem como caminho de perfeição. Os melhores analistas da situação em que nos encontramos depois de 68 concordam com a necessidade de voltar a recuperar as virtudes. Neste horizonte de crise da virtude e da necessidade do retorno com a orientação tomista da autoconstrução do sujeito, emerge a figura de Pieper, que se sente muito à vontade com a intuição de Tomás.

Em um livro de bolso que tem por título *“Ser autênticos. Sirven las virtudes?”*, Pieper recorre a Tomás para delinear o perfil do homem em plenitude no ideal do cristianismo.

“Tomás de Aquino, o grande mestre da Cristandade ocidental, tratou de delinear a imagem cristã do homem em sete teses, que se podem expressar do modo seguinte:

1. O cristão é o homem que mediante a fé penetra na realidade do Deus-Trindade.

2. Na esperança o cristão se projeta para a plenitude definitiva de seu ser na Vida Eterna.
3. Na virtude divina da caridade o cristão mantém para Deus e para o próximo uma disponibilidade a toda prova que está muito acima da capacidade natural do amor.
4. O cristão é prudente, quer dizer, seu olhar não se deixa enganar pelo sim ou pelo não da vontade; ao contrário, faz com que o sim ou o não da vontade dependa da verdade, de como são na realidade as coisas.
5. O cristão é justo, e capaz de viver “com os demais” na verdade; é consciente de ser um membro da Igreja, do povo e da sociedade.
6. O cristão é valente, ou, ainda melhor dito, é forte, isto é, que, pela defesa da verdade e por amor a justiça, está disposto a deixar-se ferir e, se for necessário, a afrontar a morte.
7. O cristão é um homem moderado, isto é, que não permite que a tendência para o ter e para o prazer se converta em destrutiva e contrária a seu destino”.¹³

Tal é o itinerário tomista do homem que tende à plenitude humana. Tomás havia-o traçado como um caminho para o fim, que no campo moral tem a força dos princípios e se percorre mediante os atos humanos, que são os morais, reiterados até que se alcança o hábito das virtudes, se recebem os dons do Espírito e o homem se conforma com Cristo. Em Pieper reaparece constantemente esta profunda convicção, que a moral não é algo acrescentado à antropologia, senão que é doutrina sobre o homem, na qual se consegue a imagem autêntica do que o homem é e do que deve ser. O ideal do homem coincide com o ideal do “homem bom”, do homem que conforma sua vida com a ordem da razão, com a reta razão que lhe deve guiar na existência. Só o homem que é capaz de fazer coincidir seu ideal de humanidade com o da virtude é capaz de dar sentido à existência, aceitando a verdade profunda de seu ser, de alimentar-se da verdade não só na ordem do pensar, mas, melhor ainda, na do viver, e nessa aspiração de viver na verdade encontra-se em diálogo constante com os demais homens.

O mais importante, contudo, é que a doutrina moral de Tomás de Aquino alcança sua plena realização apenas em Cristo. Não bastam as virtudes naturais para a plenitude. A graça cristã dá ao homem a possibilidade do exercício das virtudes teológicas pelas quais se realiza uma simbiose da vida humana e a divina. O homem cresce a partir de dentro e passa, de imagem, a ser filho de Deus. A síntese tomista que só enuncia as sete virtudes, explica-a amplamente Pieper em sua obra *As virtudes fundamentais*.¹⁴ Com seu ameno

¹³ PIEPER, J. *Essere autentici. Servono le virtù?*. Roma: Città Nuova Editrice, 1993.

¹⁴ PIEPER, J. *Las virtudes fundamentales*. Madri: Rialp, 1998.

estilo de escrever e seu profundo modo de pensar, Pieper logra o retorno desta palavra em desuso com toda a força que tem na teologia e na moral cristã.

Apenas esboçamos alguns aspectos do pensamento de Pieper e sua afinidade com Tomás de Aquino no terreno do humanismo cristão. Há uma coincidência de fundo: a virtude moral é o caminho do homem para alcançar seu pleno desenvolvimento. Contudo, Pieper opõe-se a que se possa designar seu pensamento como “tomista” e sua obra como um “neotomismo ético”, como tinha tentado C. Dominici. Porque todos os “ismos” são falácias, e ele não é Tomás de Aquino mas Josef Pieper.

Porém, quando Pieper descreve seu currículo não pode esquecer de Tomás como seu grande mestre. Iniciou-lhe na leitura de Tomás um professor que havia sido um tempo dominicano. Deu-lhe para ler o prólogo do Evangelho de São João, que lhe custou digerir, mas já a partir daí não pôde esquecer Tomás. Levava consigo sempre algum livro de Tomás, do qual selecionava pensamentos, e assim chegou a escrever em 1928 sua dissertação sobre *A fundamentação metafísica da moral em Tomás de Aquino*. Mesmo na guerra levava em sua mochila um tratado de Tomás do qual retirava sentenças que depois daria à luz com o nome “O breviário de Tomás”. Quando chegou a *Notre Dame*, nos Estados Unidos, e perguntavam-lhe se havia-se formado em Paris ou em Lovaina, ele, que se jactava de não ter tido tomistas como professores, mas só ter lido Tomás, respondia: “Eu venho de Tomás: *Ich komme von Thomas!*”.

Participou da “*Semaine des intellectuels*” e falou da esperança. Entrevieram na sessão Danielou, Marcel e Congar. Escutava-lhe Teilhard de Chardin, que considerou sua exposição pouco otimista. Danielou pediu-lhe o texto para publicar em sua revista “*Dieu vivant*”, na qual apareceu com o título “*De l'élément négatif dans la philosophie de saint Thomas d'Aquin*” (1951). O texto era uma prova mais de seu estudo constante de Santo Tomás, sem intermediários, sem a ajuda dos especialistas no tomismo. Pieper havia-o lido sem cessar, e havia-o assimilado. Seu juízo sobre o manual de Gretdt, que continuava a ter edições na editorial Herder, era totalmente negativo, porque achava que esse método não servia para aproximar-se de Tomás, mas que levava o leitor para uma região distante¹⁵.

¹⁵ Cf. FISCHGES, W. *Zur Anthropologie des Thommas von Aquin bei Joseph Pieper*. Tese de Licenciatura feita no *Angelicum*, Roma, 1994. Em apêndice, insere-se um “*Gespräch mit Prof. Dr. Joseph Pieper*” que o estudante gravou na casa do Professor.



A lição que nos deixa este grande leitor de Tomás de Aquino é a de sua criatividade e originalidade na apresentação da doutrina, com um corte moderno de bom gosto, e com um humanismo cristão a toda prova. Pode-se dizer que é demasiado rígido no juízo sobre os chamados tomistas e sobre a escola de Tomás, mas ao mesmo tempo é um grande leitor de Tomás, de cujo magistério hauriu a lição humanista das virtudes e da filosofia cristã, que tratou de transmitir a nossa cultura. Por esta característica de humanista e de arquiteto do humano teve muitos ouvintes. Ele narra com satisfação que às vezes as salas de aula não bastavam para escutá-lo, porque os alunos se aproximavam dos dois mil.

Ao evocar sua memória, notamos que a melhor herança que nos deixa é a que adquiriu na escola do Aquinate, o amor à verdade e o valor da doutrina humanista das virtudes. Uma lição muito atual que pode ser o princípio da promoção do homem na hora de pôr o pé no terceiro milênio.